

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FERNANDO CRUZ UNGARETTI DA SILVA

TERRITORIALIDADES E SOCIABILIDADES DOS JOVENS LGBTQIAP+:
PERSPECTIVAS NO COLÉGIO ESTADUAL PARANÁ EM PORTO ALEGRE/RS

PORTO ALEGRE/RS

2023

FERNANDO CRUZ UNGARETTI DA SILVA

TERRITORIALIDADES E SOCIABILIDADES DOS JOVENS LGBTQIAP+:
PERSPECTIVAS NO COLÉGIO ESTADUAL PARANÁ EM PORTO ALEGRE/RS

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais, requisito para conclusão do curso e obtenção de título de licenciado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e área de concentração Humanidades.
Orientadora: Dra. Daniela Garcez Wives
Coorientadora: Ma. Natana Alvina Botezini

Porto Alegre/RS

2023

CIP – Catalogação na Publicação

Silva, Fernando Cruz Ungaretti da
TERRITORIALIDADES E SOCIABILIDADES DOS JOVENS
LGBTQIAP+: PERSPECTIVAS NO COLÉGIO ESTADUAL
PARANÁ EM PORTO ALEGRE/RS / Fernando Cruz Ungaretti da
Silva. --2022.

56 f.

Orientadora: Daniela Garcez Wives.

Coorientadora: Natana Alvina Botezini.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em
Ciências Sociais, Tramandaí, BR-RS, 2022.

1. Colégio Estadual Paraná. 2. Juventude. 3. LGBTQIAP+. 4.
Sociabilidade. 5. Territorialidade.I. Wives, Daniela Garcez, orient. II.
Botezini, NatanaAlvina, coorient. III. Título.

FERNANDO CRUZ UNGARETTI DA SILVA

**TERRITORIALIDADES E SOCIABILIDADES DOS JOVENS LGBTQIAP+:
PERSPECTIVAS NO COLÉGIO ESTADUAL PARANÁ EM PORTO ALEGRE/RS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais, requisito para conclusão do curso e obtenção de título de licenciado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e área de concentração Humanidades.
Orientadora: Dra. Daniela Garcez Wives
Coorientadora: Ma. Natana Alvina Botezini

Data de aprovação: 17, de janeiro de 2023.

Banca examinadora

Profa. Dra. Daniela Garcez Wives
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Guillaume Leturcq
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. PhD. José Luís Abalos Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ao ministro da educação Fernando Haddad criadores do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, oportunizando a descentralização do Ensino Superior, sem a UAB não haveria a oferta deste curso de Licenciatura em Ciências Sociais – EaD no Polo UAB – Arroio dos Ratos através do convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Ainda dedico aos movimentos sociais LGBTQIAP+ pelas lutas travadas para chegarmos neste momento de maior inclusão e respeito na sociedade e, em especial, às artistas Drag Queens Pabllo Vittar e Gloria Groove pelas conquistas de espaços e visibilidades à população LGBTQIAP+ em vários espaços públicos através de suas artes e músicas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela oportunidade de realização do estágio de docência e também da realização da pesquisa de campo aos profissionais do Colégio Estadual Paraná, em especial ao amigo e professor de Sociologia, Filosofia e Ensino Religioso Carlos Antônio Lago e à supervisora pedagógica Indiara Souza pelo acolhimento, aconselhamento e confiança.

Sou grato à minha família pelo apoio e atenção nos momentos ímpares da minha vida.

Também quero agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Campus Litoral Norte e a todas as professoras e todos os professores do meu curso pela dedicação em todo o curso, principalmente num momento tão difícil como da Pandemia mundial da COVID-19.

Por último, um especial agradecimento à minha orientadora Doutora Daniela Garcez Wives e à Coorientadora Mestra Natana Alvina Botezini pela paciência, compreensão, incentivo de ambas para conclusão de todo o processo em momento bastante peculiar da minha vida.

[...] o conceito GLS permitiu a democratização do território guei, atravessando barreiras e projetando homossexuais para espaços mais amplos dentro da sociedade. Tratava-se de uma ideia convenientemente cômoda, que, por não abrir de todo o jogo, sugeria com sutileza possibilidades mais amplas. Mas também é verdade que a sigla GLS embutia uma faca de dois gumes: por permitir uma interpretação dúbia e induzir à invisibilidade, poderia criar, como efeito colateral, novas frentes para o enrustimento tão cara ao lado ruim do jeitinho brasileiro. Assim, quando havia oportunidade de ostentar a sigla, raros eram os GL (gays e lésbicas) visíveis. Por conveniência cultural, a maioria preferia relevar o S (simpatizante) – [...]. Infelizmente, nessas circunstâncias, o S corria o risco de significar menos *simpatizante* e muito mais *suspeito/a*. (TREVISAN, 2018, p. 349).

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo central observar as perspectivas dos jovens LGBTQIAP+, no Colégio Estadual Paraná em Porto Alegre/RS sobre suas sociabilidades e territorialidades como também pertencentes do território escolar além dos jovens cisheteronormativos. Para tanto foi articulado uma revisão de bibliografia e conceitual para melhor compreender os conceitos de escola e educação, a partir de Durkheim, Bourdieu e Foucault, depois sobre território, territorialidade, sociabilidade e a escola e, posteriormente, sobre o conceito de identidade, através da compreensão de identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual dos Estudos de Gênero para chegar aos conceitos das identidades da sigla da população LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queers, intersexos, assexuais, pansexuais e mais). A metodologia utilizada teve uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, com perguntas abertas e semiestruturadas, aplicadas na escola com finalidade exploratória para investigar as relações sociais existentes entre os jovens LGBTQIAP+ e os jovens cisheteronormativos e, partindo deste recorte, para uma análise e problematização dos dados coletados sobre os jovens LGBTQIAP+ no território-escola, em atenção ao problema de pesquisa de como no colégio analisado se constroem ou não as sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+. Descreveu-se o território-escola do Colégio Estadual Paraná, dentro do contexto de Porto Alegre/RS, para com os resultados fazer a identificação dos estudantes existentes nas identidades LGBTQIAP+ neste ambiente escolar, outro resultado foi à descrição das sociabilidades e territorialidades destes jovens específicos no território-escola e o discorrimento sobre a importância na perspectiva escolar dessas sociabilidades e territorialidades. Os resultados coletados e analisados são de grande relevância política e social na educação para adentrar o debate sobre as sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ nos ambientes escolares, considerando que até pouco tempo este território intermitente não eram permitidos a esses jovens que sofriam opressão, perseguição, silenciamento e exclusão nas escolas brasileiras, mas que tem apresentado mudanças a partir de acontecimentos políticos e sociais na sociedade brasileira que tem alcançado inclusão e acolhimento à população LGBTQIA+, parte invisibilizada e excluída dessa sociedade.

Palavras-chave: Colégio Estadual Paraná. Juventude. LGBTQIAP+. Sociabilidade. Territorialidade.

ABSTRACT

The main objective of this work was to observe the perspectives of LGBTQIAP+ young people at *Colégio Estadual Paraná* in Porto Alegre/RS on their sociability and territoriality as well as belonging to the school territory in addition to cisheteronormative young people. To this end, a bibliographical and conceptual review was articulated to better understand the concepts of school and education, from Durkheim, Bourdieu and Foucault, then on territory, territoriality, sociability and the school and, later, on the concept of identity, through from understanding gender identity, gender expression, biological sex and sexual orientation from Gender Studies to arrive at the concepts of the identities of the acronym of the LGBTQIAP+ population (lesbian, gay, bisexual, transsexual, transgender, transvestite, queer, intersex, asexual, pansexual and more). The methodology used had a qualitative field research, with open and semi-structured questions, applied in the school with an exploratory purpose to investigate the existing social relations between LGBTQIAP+ young people and cisheteronormative young people and, starting from this cut, for an analysis and problematization of the data collected on LGBTQIAP+ young people in the school-territory, in view of the research problem of how in the analyzed school the sociabilities and territorialities of LGBTQIAP+ young people are built or not. The school territory of *Colégio Estadual Paraná* was described, within the context of Porto Alegre/RS, with the results of identifying existing students in LGBTQIAP+ identities in this school environment, another result was the description of the sociability and territoriality of these specific young people in the school-territory and the discussion about the importance in the school perspective of these sociabilities and territorialities. The collected and analyzed results are of great political and social relevance in education to enter the debate about the sociabilities and territorialities of LGBTQIAP+ young people in school environments, considering that until recently this intermittent territory was not allowed to these young people who suffered oppression, persecution, silencing and exclusion in Brazilian schools, but which has shown changes based on political and social events in Brazilian society that have achieved inclusion and acceptance of the LGBTQIA+ population, an invisible and excluded part of this society.

Keywords: Colégio Estadual Paraná. Youth. LGBTQIAP+. Sociability. Territoriality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Biscoito do gênero e sexo	26
Figura 2 –População ALGBT – IBGE 2019	36

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Quantidade de identificações de LGBTQIAP+ por identidade (pergunta 4)	33
Quadro 2 – A escola promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+ (pergunta 11)	34
Quadro 3 – Exemplos ou não de inclusão/acolhimento (pergunta 11, 12 e 15)	34
Gráfico 1 – Existência ou não de socialização de jovens LGBTQIAP+ (pergunta 5).....	38
Gráfico 2 – Socializações dos estudantes LGBTQIAP+ (pergunta 06)	39
Gráfico 3 – Conflitos ou não entre jovens LGBTQIAP+ e jovens não LGBTQIAP+ (pergunta 08)	39
Quadro 4 – Tipos de conflitos (pergunta 08 e 09)	40
Quadro 5 – Perspectiva da Escola sobre os jovens LGBTQIAP+ (pergunta 07 e 15)	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CF	Constituição Federal
GGB	Grupo Gay da Bahia
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, <i>Queers</i> , Pessoas Intersexos, Assexuais, Pansexuais e mais
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. POPULAÇÃO LGBTQIAP+: UM CONTEXTO ESCOLAR	20
2.1 Escola, Educação e Juventude	20
2.2 Território, Territorialidade, Sociabilidade e a Escola.....	22
2.3 Identidades - Conceitos.....	25
2.3.1 Identidades da População LGBTQIAP+	27
2.4. Metodologia	31
3. RESULTADOS	32
3.1 Análise dos Dados Qualitativos do Colégio Estadual Paraná	33
3.1.1 A População LGBTQIAP+ identificada nos Jovens da Escola.....	33
3.1.2 As Sociabilidades e Territorialidades dos Jovens LGBTQIAP+ no Colégio Estadual Paraná	37
3.1.3 A Importância das Sociabilidades e Territorialidades dos Jovens LGBTQIAP+ na perspectiva da Escola	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE A – Entrevistas no Colégio Estadual Paraná	50

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo, como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, contextualizar e observar os jovens LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais e mais), nas perspectivas do Colégio Estadual Paraná em Porto Alegre/RS sobre suas sociabilidades e territorialidades como também pertencentes do território escolar além dos jovens cisheteronormativos.

A escola Colégio Estadual Paraná conta no momento com 793 estudantes, faz parte da rede pública estadual, funciona nos turnos da manhã e tarde, abrangendo o Ensino Fundamental e Ensino Médio da Educação Básica, fica na cidade de Porto Alegre/RS, no bairro Cristal, em local conexão entre a zona sul e a região central da cidade, próximo do estádio Beira Rio, shoppings centers Barra Shopping e Praia de Belas Shopping, da Orla do Guaíba recentemente revitalizada e transformada em espaço plural de turismo, esportes, cultura e social da cidade.

Os jovens que estudam na escola vão das classes mais baixas até as classes médias dos bairros e vilas nas proximidades, são brancos em sua maioria, mas com significativa quantidade de pretos e pardos, com preponderância de estudantes do sexo feminino e muitos que estão cursando o Ensino Médio já estão trabalhando ou estagiando em outro turno, inclusive no comércio da cidade em jornada que estende até o turno da noite, já que as jornadas de trabalho em geral são de oito horas diárias.

E, importante destacar, informação corriqueira no ambiente escolar, que a escola tem vários estudantes que estão nas categorias de base do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, tanto nas categorias masculinas, como nas femininas do clube de futebol, vindo do interior do estado e também de outros estados brasileiros, morando em repúblicas e residências compartilhadas, tornando a escola um ambiente social bastante peculiar em comparação a inúmeras escolas existentes na cidade de Porto Alegre e também no estado do Rio Grande do Sul.

A escolha do tema está no espaço acadêmico e escolar de como a escola observada vislumbra as sociabilidades e territorialidades desses jovens pertencentes à população LGBTQIAP+, como também integrantes da comunidade escolar do Colégio Estadual Paraná enquanto território intermitente, já que a escola na vida dos jovens não é um território permanente, fazendo parte desse espaço enquanto estão no período escolar, mas momento imprescindível na formação enquanto seres

humanos e cidadãos e a chegada à temática está numa perspectiva de como as vivências deste autor e outros LGBTQIAP+ vivenciaram nos ambientes escolares num contexto histórico em torno de trinta anos atrás e que as escolas não eram inclusivas com essa parcela da população brasileira.

Importante destacar que o Brasil, até muito pouco tempo em período histórico, não era nada inclusivo e acolhedor na sociedade brasileira em geral com a população LGBTQIAP+ sofrendo inclusive repressão estatal na Ditadura Militar (QUINALHA, 2021, p. 43) e, igualmente, os jovens LGBTQIAP+ sofrendo perseguições e segregações nos ambientes escolares por serem diversos da cisheteronormatividade, num período importante na vida das pessoas em amadurecimento e crescimento físico, cognitivo e afetivo para se tornarem em breve pessoas adultas.

E, ainda, que estamos passando por um período histórico, iniciado por volta de 2013 e latente ainda em 2023, onde os retrocessos e as perseguições tem ganhado destaque na sociedade brasileira e com ecos nos ambientes escolares, vide as acusações de doutrinação e implantação da “ideologia de gênero”.

Diante da regra estrutural imposta na nossa sociedade, o jovem, ao se identificar no seu íntimo com algumas das identidades da sigla LGBTQIAP+, começava se recolher na sua intimidade, o apelidado “armário”, ou procurava territórios específicos (guetos) onde poderia exercer sua identidade de forma livre e aberta com outros jovens igualmente identificados na sigla se introduzindo na comunidade das pessoas identificadas nesse espectro social à margem da sociedade.

Contudo, as escolas não estavam dentro desses territórios específicos, havia exclusão, perseguição e opressão a esses jovens LGBTQIAP+ e somente os jovens cisheteronormativos que detinham esses espaços para suas sociabilidades e territorialidades com aceitação da escola, da família e da sociedade em geral, construindo seus processos para se tornarem adultos (CASALI e GONÇALVES, 2019).

Atualmente, com as lutas políticas dos movimentos LGBTQIAP+, estão ocorrendo mudanças na visão da sociedade em geral com relação à população LGBTQIAP+, com isso conquistando direitos, respeito, espaços, protagonismos e sociabilidades em territórios antes exclusivos para as pessoas cisgêneros e heterossexuais, inclusive nos ambientes escolares onde as instituições escolas,

através dos seus agentes educativos e coordenativos, devam promover esse debate, inclusão, acolhimento e construir esse espaço dentro da pluralidade existente entre os jovens em formação do seu ser social através da socialização (SOARES e WEISS apud DURKHEIM, 2021).

O marco disruptivo, enquanto norma jurídica, do início dessa mudança inclusiva no Brasil é a Constituição Federal de 1988, que trouxe inúmeros direitos sociais e individuais legados da construção social, política e histórica do processo constituinte iniciado em 1987, mas integrante do processo de redemocratização nacional, existente desde meados de 1975, como superação da Ditadura Militar, inclusive com surgimento de movimentos sociais de lutas por direitos da população LGBTQIAP+, com a fundação inédita no país do “Jornal Lampião da Esquina” em 1978 e do grupo “SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual” em 1979 (TREVISAN, 2018).

Logo, dado esse recorte introdutório, sobre a contextualização do ambiente escolar do Colégio Estadual Paraná e o recorde de análise e problematização sobre as perspectivas dessa escola sobre as sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ dentro desse ambiente escolar o problema desta pesquisa centra-se em observar como no Colégio Estadual Paraná se constroem ou não as sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+?

Como objetivo geral o estudo busca observar a construção das sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ dentro do ambiente escolar com recorte no Colégio Estadual Paraná.

Para responder ao objetivo geral foram elaborados três objetivos específicos:

- A- Identificar pelo corpo escolar de possíveis jovens estudantes identificados com alguma das letras da sigla da população LGBTQIAP+.
- B- Descrever como professores, integrantes da coordenação escolar (diretor, vice-diretora, supervisora pedagógica), funcionários de escola e alguns estudantes, veem as sociabilidades e a territorialidades destes jovens.
- C- Discorrer sobre a importância das sociabilidades e das territorialidades destes jovens, na percepção da escola.

A metodologia utilizada em parte foi pela revisão teórica e apresentação dos conceitos-chaves (escola, educação, juventude, gênero, sexo, sexualidade,

expressão, população LGBTQIAP+, território, territorialidade e sociabilidade), quanto à abordagem se utilizou do método de coleta de dados através de entrevista de perguntas abertas, qualitativas e semiestruturadas aplicadas no colégio objeto específico da pesquisa com 10 informantes, entre os dias 16 a 22 de novembro de 2022, com finalidade exploratória para investigar as relações sociais existentes entre os jovens LGBTQIAP+ e os demais jovens no território do Colégio Estadual Paraná e, partindo deste recorte, para uma análise e problematização através dos objetivos específicos sobre os jovens LGBTQIAP+ no território-escola e suas sociabilidades e territorialidades numa perspectiva atual e histórica.

O trabalho está desenvolvido, primeiramente, discorrendo conceitos e revisões bibliográficas sobre os assuntos Escola e Educação, em seguida sobre Território, Territorialidade, Sociabilidade e a Escola, logo conceito de Identidades e especificamente sobre as identidades da população LGBTQIAP+, explicado a metodologia e, por segundo, nos resultados da pesquisa de campo com a análise dos dados qualitativos do Colégio Estadual Paraná para identificação dos jovens da população LGBTQIAP+ no ambiente escolar, a descrição das sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ na escola e, por fim, discorrimento da importância das sociabilidades e territorialidades na perspectiva do Colégio Estadual Paraná.

Este estudo se justifica por dois motivos: o primeiro, pela importância de aprofundar o debate da construção de identidades nas escolas e como estas se baseiam nos processos de sociabilização e territorialidade mobilizada pelos jovens e, o segundo, por ser um tema de grande relevância política e social. Assim, é importante destacar sobre a escolha política ao utilizar a sigla LGBTQIAP+, em vez da nomenclatura LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros) mais tradicionalmente utilizada e defendida por parte do campo acadêmico e da comunidade das pessoas identificadas nesse espectro social, por ser mais contemplativos, considerando que as identidades sociais são processos de reafirmação de grupos invisibilizados e excluídos, com constantes construções e disputas na sociedade em geral.

2. POPULAÇÃO JOVEM LGBTQIAP+: UM CONTEXTO ESCOLAR

Nesta seção são apresentados com revisão bibliográfica os principais conceitos envolvidos na temática da juventude LGBTQIAP+, suas identidades e a escola e a educação como fator de compreensão e abrigo dos jovens no ambiente escolar a partir de suas sociabilidades e territorialidades no território-escola, a cerca da temática central deste estudo, bem como a metodologia empregada para atender seus objetivos específicos no levantamento de dados no Colégio Estadual Paraná para problematização e análise sobre os objetivos específicos nos resultados alcançados.

2.1 ESCOLA, EDUCAÇÃO E JUVENTUDE

Ao longo da história das Ciências Sociais, a escola e a educação foram temáticas recorrentes e a doutrina trouxe diversas peculiaridades, como o clássico sociólogo Émile Durkheim ao reconhecer a escola como importante instituição social que nos abriga desde a tenra idade exercendo um papel pedagógico para inserção do futuro cidadão na sociedade e a educação como um fato social compreendendo as características típicas de generalidade por abranger a todos os indivíduos da sociedade, de exterioridade por ao nascer já é um fato dado aos indivíduos além de suas consciências e da coercitividade por ser um elemento determinado e imposto aos indivíduos e, também, um fator de contribuição para a coesão social dos indivíduos dentro da sociedade (SOARES e WEISS, 2021).

Durkheim ainda categorizou a escola como uma das instituições sociais de socialização secundária com normas sociais mais rígidas e estruturadas onde há socializações além do núcleo familiar com objetivo de instrução e formação dos jovens para quando ficarem adultos atenderem as necessidades existentes na sociedade, enquanto a família é uma instituição social de socialização primária com base em normas de afetividade (PORFIRIO, 2022).

E a educação para Durkheim é instrumento exercido pelos adultos às novas gerações (jovens e juventude) com intuito de conduzir a estados físicos, intelectuais e morais exigidos pela sociedade política, nota-se:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e

pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine. (DURKHEIM apud PEREIRA e FORACCHI, 1973, p.42).

Por outro lado, Pierre Bourdieu na sua teoria sociológica da educação retrata a escola como um agente social que legitima as desigualdades sociais através da educação, pois não somente as aptidões individuais de cada estudante, mas também suas origens, principalmente de classe e etnia, são fundamentais para seus êxitos, conquistas e aspirações sociais e numa interpretação extensiva e compreensiva é possível retratar que a escola também serve para manutenção de outras desigualdades, como de gênero, de sexualidade e de expressão pertencentes à população LGBTQIAP+ (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002).

Ainda, a escola, forte na teoria crítica foucaultiana, é um local visto como de vigilância e adestramento dos corpos e das mentes, assim um local até então como condutor na construção dos sujeitos para uma cisheteronormatividade e não receptivo a outras identidades, como as da população LGBTQIAP+ ainda num processo em construção e disputa no seio da sociedade brasileira (MACEDO, SOUZA e SILVA, 2020).

Sem esquecer que educação e escola estão ligadas com a ideia de juventude (uma categoria social), num contexto de Política Nacional de Juventude (PNJ) é considerado jovem as pessoas na faixa etária entre 15 e 29 anos de idade, como demarcador estatístico e de políticas públicas é uma faixa etária válida, mas enquanto compreensão sociológica é limitador, já que a passagem deste período entre a infância e a vida adulta, outras categorias sociais de amadurecimento pessoal e social com recorte etário, dependem de outros fatores além da idade como bem destacado e determinado por Oliveira (2018), quando trata de juventudes, no seu artigo “O Processo de Construção da Juventude como Categoria Social: Notas sobre o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos”:

[...] o uso do termo juventudes, não poderia ser mais adequado, pois nos permite compreender a gama de diferenças existentes dentro desse segmento, o que aponta para a necessidade de não se homogeneizar os jovens dentro de uma mesma sociedade, sendo necessária a identificação de suas especificidades, bem como a necessidade de uma atenção especial para suas principais demandas.

[...]

Dessa forma Pais (1990) afirma que a juventude pode ser entendida como uma construção social, que pode ser vista como fruto de uma determinada sociedade, e que se origina a partir do modo como o jovem é visto por esta mesma sociedade, abarcando desde estereótipos por ela criados, e

alcançando até mesmo as diversidades existentes dentro de uma sociedade de classes.

Como toda construção social, a juventude deve ser vista na sua relação com as determinações históricas, sociais e materiais de uma sociedade marcada pela desigualdade entre as classes sociais, o que contribui para a heterogeneidade existente dentro desse segmento.

(OLIVEIRA, 2018, p. 6)

E, também, Silva e Silva no seu artigo sobre a Política Nacional de Juventude:

A palavra juventude tem assumido diferentes significados de acordo com o contexto histórico, social, econômico e cultural vigente. Porém, o sentido mais comumente encontrado é aquele que a define como uma fase de transição entre a adolescência e a vida adulta, um momento de preparação para um “de vir”, conforme analisam Dayrelle Gomes, comentando sobre as imagens atribuídas a essa fase da vida. “Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, onde o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente” (Dayrell; Gomes, s/d, p.1). A mesma ideia é compartilhada por Abramo, que considera, para a sociedade moderna, ser essa uma fase de preparação do jovem

(SILVA e SILVA, 2011, p. 664)

Portanto, a juventude é uma construção social, que depende de contextos específicos na sociedade para sua compreensão, inclusive na pluralidade (juventudes), podendo diferir no tempo, inclusive não existir essa categoria social, dependendo do período histórico ou sociedade, destacada dentro de um período etário do ser humano em desenvolvido como passagem para a vida adulta.

2.2 TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE, SOCIABILIDADE E A ESCOLA

Numa perspectiva além da educação e do ensino-aprendizado, as escolas também são territórios intermitentes onde os jovens, por determinado período da vida, exercem sociabilidades e territorialidades típicas desta fase da vida (juventude) e como processo de amadurecimento para a vida adulta. Fuini (2014), dentro da geografia humana, conceitua território:

O território é o recorte espacial definido por relações de apropriação, poder e de controle sobre recursos e fluxos baseado em aspectos políticos, econômicos e culturais (HAESBAERT, 2006; SAQUET, 2007; SPOSITO, 2004). O território contém formas diversas de apreensão e de manifestação

individual e coletiva de um Estado, grupo cultural, classe social ou atividade econômica. (FUINI, 2014, p. 228).

Logo, o território é um espaço de disputa forjado de aspectos políticos, econômicos e culturais onde os elementos sociais (sujeitos) se apropriam e manifestam individual ou coletivamente representações de sociabilidade e territorialidade e a escola, como instituição social, também se encaixa nessa compreensão de território para os jovens em geral e, em especial, como espaço de disputa, inclusão e acolhimento dos jovens LGBTQIAP+.

Os sujeitos estão ligados ao território por inúmeras situações, no tocante a escola, os sujeitos-jovens estão ligados por essa construção histórica-social de educação e formação social para a sociedade, onde os jovens são trabalhados na sua juventude neste ambiente de passagens de amadurecimento nos seus estados físicos, intelectuais e morais como já destacado acima na teoria durkheimiana, mas também como espaço de territorialidades e sociabilidades.

Como territorialidade, Santos, Gavriloff e Fraga citando Sack retratam que para compreender esse termo é necessário conjugar três eixos: área, comunicação e controle. A área¹ como porção geográfica, a base física onde se encontra o território onde os limites podem ser físicos (muros, paredes, vegetações) ou imateriais (símbolos, sinais, sons). A comunicação está na delimitação da área para o grupo de indivíduos-sujeitos e com fronteiras notórias para estabelecer o controle. O controle está no exercício dos indivíduos-sujeitos na área delimitando o acesso ou não-acesso ao território (SANTOS, GRAVILOFF, FRAGA, 2012, p. 75). E ainda destacam sobre a estratégia territorial e atuação dos atores sociais:

A estratégia territorial pode se desdobrar em diversos campos de influência além dos três elementos chaves já citados: área, comunicação e controle. Pode-se citar, por exemplo, as questões das representações. O território ao ser definido conta com atores sociais que se territorializam. Estes não estão somente submetidos à territorialidade, mas dialeticamente podem interferir nas organizações territoriais. Eles fazem parte da sociedade e, portanto tem um papel de identidade com o território. Este processo de pertencimento ao território se dá de diferentes maneiras: através da cultura, da língua falada, das crenças religiosas, de sinais, etc. Todavia, vale lembrar que a territorialização existe tão somente quando estas relações de controle,

¹A ideia de territorialidade ligada a um espaço físico é criticada por parte da doutrina por não considerar a territorialidade de grupos que não estão ligados a um espaço físico delimitado por fronteiras, muros, cercas, como os povos nômades, as populações circenses, como Werther Holzer que traz a ideia de fenomenologia em crítica a Sack (SILVA, 2000, p. 20).

demarcação, pertencimento e identidade têm sua representatividade sobre uma área geográfica. (SANTOS, GRAVILOFF, FRAGA, 2012, p. 75).

Ou seja, a identidade com o território é exercida pelos atores sociais territorializando ou sendo territorializados de forma dialética, sendo exercida por comportamentos típicos neste espaço pelo grupo social através de processos culturais, sociais, políticos, simbólicos e que vai ao encontro da conjunção escola – território – territorialidade – sociabilidade dos jovens em período escolar.

Já sociabilidade nos remete a interação através de vínculos num jogo simbólico e de representação social entre indivíduos com reciprocidade, coleguismo e solidariedade, como traz Assis (2017) em leitura à teoria simmeliana, nota-se:

[...] a sociabilidade surge, quando, numa sociação, o processo da interação entre os indivíduos se torna um fim em si mesmo, adquirindo um valor de grande estima aos seus participantes, pela satisfação intrínseca do vínculo sociável. Desse modo, a sociabilidade (*Geselligkeit*) é denominada como a forma lúdica da sociação (*Vergesellschaftung*), uma espécie de jogo sociável de interações, mobilizadas por qualidades pessoais como cordialidade e amabilidade, entre outras, e reguladas por valores sociais como alegria, cortesia, discrição, e muitos outros. Um jogo simbólico que se converte na arte de esconder e revelar-se por meio da estética das representações. Assim, uma pessoa, movida pelo impulso de sociabilidade, mantém adormecidos seus interesses objetivos e seus aspectos mais pessoais, e deixa fluir, tanto quanto possível, essa livre interação com o seu semelhante, que a retribui no mesmo movimento, até o momento da despedida, consentida ou fortuita (SIMMEL, 1983). Logo, a sociabilidade simmeliana pode ser concebida entre dois polos: o da intimidade e o da indiferença. Seus participantes devem ter um mínimo de interesse na relação, mas não chegam a revelar-se sem reservas ao outro, como se faria entre amigos íntimos e confidentes. A sua apreensão se daria, portanto, no domínio da solidariedade, do coleguismo, da reciprocidade. (ASSIS, 2017, s/n).

Ainda, sobre a sociabilidade em Simmel, é importante destacar que está num lugar ligado a sociação dos indivíduos, algo que o autor traz como sentimento, sensação e impulso puro do ser e que leva a interação com os demais indivíduos, segundo Santos (2021).

Desta forma, territorialidade e sociabilidade estão ligados entre si através dos sujeitos, sendo que o primeiro coloca o território como perspectiva principal através das ações, comunicações e controle e o segundo colocam as representações e interações estabelecidas entre os sujeitos com reciprocidade, solidariedade e coleguismo.

2.3 IDENTIDADES – CONCEITOS

A conceituação de identidade é complexa e perpassa por vários teóricos com destaque nas áreas da Filosofia, Psicologia, Antropologia e Sociologia, é um termo oriundo da Filosofia e, em síntese, retrata o ser e suas especificidades que o torna diferente dos demais e idêntico a si num processo de construção e mudança ao longo da vida (MIRANDA, 2012, p. 14), ou seja, a identidade não é imutável, está em processos de ressignificações, principalmente na fase da juventude (período intermediário e de amadurecimento do ser humano entre a infância e a fase adulta).

A Sociologia trabalha a ideia de identidade como construção social a partir de experiências, interações, finalidades, origens e questões peculiares do sujeito, grupos e da sociedade em que vive, ou seja, há necessária ligação entre indivíduo, grupos e sociedade na construção e definição da própria identidade.

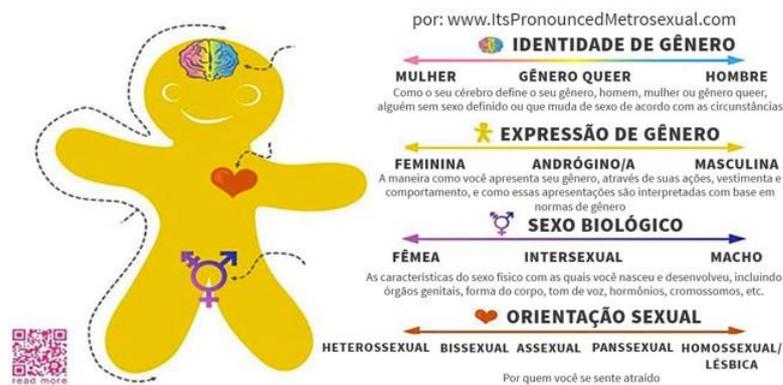
Nas suas teorias sobre identidade, Berger e Luckmann (2004) retratam bem os processos sociais forjados pela estrutura social como fundantes e modificadores da identidade e na dialética dos indivíduos apropriados de suas identidades reagindo na estrutura social podendo mantê-la, modificá-la ou remodelando-a:

A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Por outro lado, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a.

(BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 228)

Os teóricos dos Estudos de Gênero² nos trouxeram muitas contribuições inovadoras e pulsantes sobre a compreensão de gênero³, sexo⁴, sexualidade e expressão, sendo o campo de estudo aonde são normalmente com excelência problematizadas, teorizadas e trabalhadas as questões individuais e coletivas referentes à população LGBTQIAP+, principalmente considerando o contexto de poder e política num mundo binário entre homem e mulher, com o primeiro em relevância político-social, principalmente fruto do patriarcado (sistema social, político e cultural onde a estrutura social favorece homens, principalmente cisgêneros e brancos, em detrimento das mulheres e demais variações de gênero e sexualidade). Assim, é importante contextualizar as diferenças ligadas às identidades quanto ao gênero, expressão, sexo e orientação.

Figura 1 – Biscoito do gênero e sexo



Fonte: 4 shared (2022)⁵.

A identidade de gênero é uma construção social a partir de como o seu cérebro se define a partir das múltiplas experiências, construções e consciências

² Nos últimos anos, pesquisadoras e pesquisadores dos Estudos de Gênero vêm sofrendo ataques verbais e físicos no Brasil, principalmente por “fake News” ligadas às teorias, conceitos e termos referenciados ou não aos Estudos de Gênero, como o termo “ideologia de gênero”, outras questões conceituais superadas como definição de mulher e homem e feminismo e gênero (VAZQUEZ, 2017).

³ “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR apud PENSADOR). Simone de Beauvoir ao trazer uma nova visão sobre mulher distante da questão biológica – sexual é considerada como uma precursora de teorias nos Estudos de Gênero.

⁴ “[...] um regime sociopolítico em que o sexo existia como um atributo, uma atividade, uma dimensão da vida humana, e um regime mais recente em que o sexo foi estabelecido como uma identidade” neste contexto Butler reflete sobre o momento que o sexo passou a ser questão central na identidade em vez de um aspecto contingente ou arbitrário da identidade (BUTLER apud LIMA e BELO, 2009, p. 4).

⁵ Disponível em: <<https://www.4shared.com/s/f58kEwK7dgc>>. Acesso em: 15 dez 2022.

personais, podendo a pessoa se autodefinir como mulher, queer (não binário) ou homem.

Ainda dentro da classificação de identidade de gênero é importante diferenciar os conceitos de cisgênero e transgênero. A pessoa cisgênera é a pessoa que na sua definição tem conformidade entre a identidade de gênero e o sexo biológico (mulheres cis e homens cis) e a pessoa transgênera, ao contrário, não tem conformidade na sua identificação entre a identidade de gênero e o sexo biológico (mulheres trans e homens trans) precisando transicionar de gênero⁶ para adequar sua identidade de gênero.

A expressão de gênero é como a pessoa se apresenta, considerando como socialmente são reconhecidos os gêneros pelas suas vestimentas, comportamentos e ações, podendo estar entre masculino (homem), andrógino (não binário) ou feminino (mulher).

O sexo biológico está na identificação da pessoa a partir das suas características sexuais físicas (órgãos genitais, cromossômicas, anatômicas, hormonais, vocais) que são inerentes do nascimento do indivíduo, podendo ser fêmea (mulher), intersexual, macho (homem)⁷.

A orientação sexual ou atração sexual é a classificação conforme por quem o indivíduo se sente ou não atraído/interessado sexualmente no outro indivíduo, podendo ser heterossexual, bissexual, assexual, pansexual e homossexual.

2.3.1 IDENTIDADES DA POPULAÇÃO LGBTQIAP+

Antes de adentrar na conceituação das identidades da população LGBTQIAP+, importante lembrar que a conjugação dessa sigla está relacionada a uma oposição à cisheteronormatividade representada nas pessoas heterossexuais⁸

⁶ Transição de gênero é o período pelo qual uma pessoa passa para se adequar ao gênero que ela realmente sente pertencer, podendo se submeter a tratamentos hormonais, cirúrgicos, fonoaudiológicos, entre outros, para paulatinamente transformar suas características primárias e secundárias nas do gênero desejado. Por exemplo, pode ser o caso de uma mulher transexual (designada como homem no nascimento e transicionando-se para mulher) (MtF, Male to Female) ou um homem transexual (designado como mulher no nascimento e transicionando-se para homem) (FtM, Female to Male). O objetivo da transição de gênero é mudar a apresentação de gênero e/ou características sexuais da pessoa para sua identidade de gênero mental. (TRANSIÇÃO)

⁷ Mulher e homem são termos polissêmicos quanto às identidades, pois podem ser atribuídos às identidades de gênero, às expressões de gênero e aos sexos biológicos.

⁸ Heterossexuais são pessoas que sentem atração pelo sexo oposto (homem por mulher e mulher por homem) e considerado o “padrão” dentro da cisheteronormatividade.

e cisgêneras como a norma implícita nas estruturas da sociedade, com isso excluindo, oprimindo, invisibilizando, segregando as pessoas não identificadas nesses típicos indivíduos da norma social.

Ainda, dentro de uma contextualização de maior ou menor adequação a cisheteronormatividade, como exemplos ilustrativos, um homem gay e uma mulher lésbica são pessoas cisgêneras, mas não são heterossexuais e um homem trans e uma mulher trans não são pessoas cisgêneras, mas podem ser pessoas heterossexuais, mas homens gays, mulheres lésbicas, homens trans e mulheres trans comungam do lugar social de a margem da cisheteronormatividade.

A definição da sigla é um processo de construção histórica e não há uma unanimidade acadêmica e dos movimentos sociais no Brasil sobre qual atualmente utilizar se LGBT, LGBT+, LGBTI+, LGBTQIA+, LGTBQIAP+, etc., mas algumas siglas já foram abandonadas como GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) que não contemplava a variação, invisibilizava bissexuais, pessoas trans e travestis e colocava as demais identidades, inclusive heterossexuais, como simpatizantes e GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros e travestis) por colocava homens gays em destaque e maior relevância nas pautas, vindo a ser alterada para LGBT dando destaque as mulheres lésbicas e também para se alinhar com o acrônimo utilizado na Europa e nos Estados Unidos da América (CISCATI, 2018).

A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais (ABGLT) costuma utilizar a sigla LGBTI, mas por uma escolha política, considerando a importância de compreender que a sigla é muito mais que apenas letras, “um alfabeto”, que me alinho na utilização da sigla LGBTQIAP+⁹ por ser mais inclusivo e dando visibilidade para mais identidades.

O “L”¹⁰ da sigla é de lésbica e se refere a todas as mulheres que sentem atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo, ou seja, outras mulheres, independente de serem mulheres cisgêneras ou transgêneras desde que conforme com a mesma identidade de gênero.

⁹“LGBT+, LGBTQIA+, LGBTI+ ou LGBTQIAP+? As dúvidas sobre qual usar surgem ainda mais no mês do Orgulho. Mais do que achar a resposta certa, é essencial interromper as piadas, entender que cada letra é uma vivência e que muitas pessoas só conseguem existir por causa da sigla.” (FERNANDES, 2021)

¹⁰ A letra L de lésbica vem à frente da sigla por uma decisão realizada na 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais alterando a sigla GLBT para dar maior destaque às reivindicações das mulheres lésbicas.

O “G” é de gay e se trata do homem que sente atração sexual e afetiva por outro homem, podendo ser homem transgênero ou cisgênero relacionado à identidade de gênero. Gays e lésbicas são homossexuais quanto à orientação sexual.

O “B” é de bissexual, podendo ser homem ou mulher, são as pessoas que sentem atração sexual tanto por homens, quanto por mulheres com identidade de gênero e expressão de gênero mais destacados na binariedade.

O “T” reúne transexuais, transgêneros e travestis e, pela definição concisa e didática, destaca os conceitos trazidos pelo Comitê de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade e a Secretaria de Comunicação Social do TRT-RS utilizados para contribuir informativamente no mês da Diversidade:

[...] conceito relacionado à identidade de gênero e não à sexualidade, remetendo à pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. As pessoas transgênero podem ser homens ou mulheres, que procuram se adequar à identidade de gênero. Algumas pessoas trans recorrem a intervenções médicas, que vão da terapia hormonal à cirurgia de redesignação sexual, mas isso é pessoal e não são todas as pessoas transgênero que optam por essas intervenções - até por razões financeiras. Para se referir a elas, são usadas as expressões homem trans e mulher trans.

As travestis, por sua vez, são mulheres trans que preferem ser chamadas dessa maneira por motivos políticos, de resistência, já que este termo está atrelado à marginalização das mulheres trans, que tinham como única alternativa a prostituição como modo de sobrevivência. Muitas mulheres trans se identificam atualmente como travestis justamente para tirar o estigma da palavra.

Deste modo, mulher trans é a pessoa que se identifica como sendo do gênero feminino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero masculino ao nascer. O homem trans é a pessoa que se identifica como sendo do gênero masculino embora tenha sido biologicamente designada como pertencente ao sexo/gênero feminino ao nascer. (SÂMIA, 2021)

A letra “Q”¹¹ são as pessoas *Queers*, termo oriundo da língua inglesa e que significa "estranho", "ridículo" ou "excêntrico", são as pessoas não conforme na binariedade de gênero estabelecida entre mulher e homem socialmente construídos na cisheteronormatividade da estrutura social, ou seja, não se enquadram no padrão binário da identidade de gênero, não se sentem contemplados por outra letra da

¹¹Drag Queen não são necessariamente pessoas queers, nem transexuais, transgênero ou travestis, Drag Queen é expressão artística ligada ao feminino que pode ser representada por qualquer pessoa que tem identificação com essa arte, na maioria das vezes performada por homens gays.

sigla por não se tratar de uma orientação sexual, nem uma condição ligada ao sexo biológico ou transição entre os gêneros.

A letra “I” está relacionada aos intersexos¹²¹³, que são pessoas que nasceram com características físicas, genéticas ou hormonais não retratadas dentro das definições biológicas humanas para os sexos biológicos do homem (macho – cromossomo XY) ou mulher (fêmea – cromossomo XX), com uma quantidade considerável de variações, alguns nascem sem órgãos sexuais e reprodutivos, outros com os órgãos sexuais de ambos os sexos externo ou interno, ainda outros com produção hormonal binário, também com alteração do cromossomo sexual (XXX, X0, XXY, etc.).

A letra “A” está ligada aos indivíduos que não sentem atração sexual por qualquer gênero e se chamam assexual¹⁴, mas não necessariamente impede de se relacionarem afetiva ou amorosamente por outras pessoas, também não são pessoas inférteis, logo mesmo não sentindo atração sexual, podem reproduzir e gerar filhos.

O “P” é de pansexual, são pessoas que sentem atração sexual indiferentemente por pessoas com suas características diversas, diferem das pessoas bissexuais justamente por não ter importância à identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual da outra pessoa.

O símbolo de +¹⁵ no final da sigla é um marcador para outras formas de identidade possíveis não identificadas com o resto da sigla LGBTQIAP, considerando que identidade de gênero, expressão de gênero, orientação sexual e sexo biológico são construções sociais, fluídas e determinadas no tempo e espaço, podendo haver novas construções reivindicando visibilidades, inclusões e respeito.

¹² As principais lutas das pessoas intersexos são o respeito ao corpo para que não ocorram modificações corporais seja cirúrgica ou hormonal ao nascer ou na infância sem o consentimento do próprio indivíduo e o reconhecimento como um terceiro sexo jurídico.

¹³ Antigamente as pessoas intersexos eram chamadas de “hermafroditas”, termo que estigmatizava as pessoas intersexos na sociedade e que a luta do movimento é para que não sejam mais referenciadas com essa terminologia.

¹⁴ Pessoas assexuais não são pessoas assexuadas. Assexuada é uma forma biológica de reprodução exercida por um ser sem a necessidade de outro e as pessoas assexuais não querem ser tratadas como assexuadas por ser um termo que estigmatiza e confunde a sua orientação sexual.

¹⁵ Não-binários, pessoas não-binárias são pessoas que podem ser consideradas pessoas queers, mas ainda é uma construção e debate ainda recente nos movimentos LGBTQIAP+, também podendo estar no guarda-chuva do sinal + por entenderem que são fluídos entre os gêneros (identidade de gênero) e alguns ainda reivindicam serem incluídos na sigla LGBTQIAPN+.

2.4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho foi numa parte com revisão teórica e conceitual no campo da sociologia, política, geografia humana sobre os conceitos centrais referentes aos sujeitos da pesquisa (escola, educação, juventude, gênero, sexo, sexualidade, expressão, população LGBTQIAP+, território, territorialidade e sociabilidade).

Por outro lado, quanto à abordagem do problema a metodologia utilizada é qualitativa através da coleta de dados, a partir de uma entrevista semiestruturada aplicada no Colégio Estadual Paraná sobre a perspectiva da equipe de funcionários em geral da escola e alguns estudantes sobre as sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ existentes no ambiente escolar.

E, quanto à finalidade, a metodologia será exploratória, pois partiu de uma investigação sobre as relações sociais existentes no ambiente escolar em específico dos jovens LGBTQIAP+ e interação com jovens não LGBTQIAP+ para posteriormente ser realizada uma análise e problematização dos dados empíricos extraídos a partir das entrevistas realizadas no Colégio Estadual Paraná.

Como a temática de análise e de pesquisa imbrica sobre juventude, escola, território, territorialidade, sociabilidade, população LGBTQIAP+, normatividade e controle social, importante uma revisão conceitual e bibliográfica sobre esses aspectos, inclusive em artigos, dissertações e teses acadêmicas recentes pela atualidade do tema e peculiaridades tão importantes para chegar ao contexto dos jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar do Colégio Estadual Paraná dentro do campo da sociologia e política com recortes geográficos e antropológicos como forma de inclusão, disputa, reconhecimento e conquista social.

Assim, a partir da coleta de dados no ambiente escolar, através de entrevistas, com um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e peculiares sobre as vivências dos estudantes no território escolar, seus comportamentos, interações, dinâmicas, manifestações, com agentes do corpo escolar nas suas perspectivas enquanto Colégio Estadual Paraná sobre as sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+, será feita uma análise e problematização de como se encontra o ambiente escolar em comparação a uma perspectiva histórica de exclusão, não acolhimento e da luta pelo território-escola como também pertencente aos jovens estudantes identificados como LGBTQIAP+ e não exclusividade dos jovens cisheteronormativos.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas estruturadas aplicadas junto aos informantes no Colégio Estadual Paraná. Para tanto, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevista com questões abertas, conforme consta no Apêndice A.

Foram contatados 10 informantes do Colégio Estadual Paraná no município de Porto Alegre/RS, considerando-se suas observações cotidianas e conhecimentos prévios com vistas a proporcionar um panorama sistêmico do problema em análise. Destaca-se que a participação destes foi voluntária e gratuita, cuja concordância foi manifestada por meio de aprovação e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo-lhes assegurado o anonimato, mas concordaram com a divulgação das respostas.

A coleta de dados ocorreu de maneira presencial e virtual de acordo com a disponibilidade e preferência de cada respondente. O período de coleta dos dados compreendeu entre os dias 16 a 22 de novembro de 2022. Destaca-se, ainda, que todas as entrevistas foram registradas em formato questionário e respostas com a autorização dos respondentes e, posteriormente, foram transcritas na íntegra, conforme se verifica no Apêndice A.

Os dados extraídos das entrevistas foram percorridos através da análise das percepções e constatações encontradas nas respostas aos questionamentos, de modo a compreender as ponderações por trás das narrativas, como problematiza Silva e Fossá (2015). O método encontra respaldo na melhor forma de tratamento e análise de dados qualitativos (MINAYO, 2002) em forma de pesquisa social sobre os resultados das entrevistas no Colégio Estadual Paraná. Com isso, os resultados subtraídos foram comparados e problematizados com outras pesquisas científicas, principalmente na área de educação e Estudos de Gênero, de modo a contextualizar as construções sociais na área do conhecimento dentro do ambiente escolar sobre os jovens LGBTQIAP+.

3. RESULTADOS

Os resultados da coleta de dados realizadas através das entrevistas no Colégio Estadual Paraná, como são possíveis verificar no Apêndice A, trabalham na ideia de que existem jovens estudantes LGBTQIAP+ e que tem o território-escola como espaço de territorialidades e sociabilidades no ambiente escolar e

proporcionaram informações importantes para atingir os objetivos e questionamentos do problema da pesquisa, como mais abaixo serão destrinchados nos objetivos específicos da pesquisa.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS QUALITATIVOS DO COLÉGIO ESTADUAL PARANÁ

Nesta seção são apresentados e discutidos os principais resultados deste estudo, buscando analisar os dados coletados a partir dos objetivos específicos traçados na pesquisa de campo, ou seja, identificar os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar.

E, ainda, descrever as sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ no Colégio Estadual Paraná e discorrer sobre a importância das sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ na perspectiva da escola, conforme se especifica em cada subseção abaixo.

3.1.1 A POPULAÇÃO LGBTQIAP+ IDENTIFICADA NOS JOVENS DA ESCOLA

Dos dados qualitativos extraídos da pergunta 4 “Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?” foi possível elaborar o Quadro 1 abaixo onde se quantificou as vezes que as identidades foram mencionadas como identificadas na escola, respondendo o primeiro objetivo específico “a identificação pelo corpo escolar de possíveis jovens estudantes identificados com alguma das letras da sigla da população LGBTQIAP+”.

Quadro 1 – Quantidade de identificações de LGBTQIAP+ por identidade (pergunta 4)

SIGLA LGBTQIAP+	QUANTIDADE DE IDENTIFICAÇÕES NA ESCOLA
Lésbicas	8
Gays	10
Bissexuais	7
Transgêneros*	3
Queers	zero
Intersexos	zero
Assexuais	zero
Pansexuais	2

Mais (outros)	zero
* Não foi citada nenhuma travesti ou transexuais	

Fonte: Apêndice A – Entrevistas no Colégio Estadual Paraná

Percebe-se que não há nenhuma menção de identificação de estudantes das identidades queers, intersexos, assexuais ou mais (outras identidades), poucos transgêneros (três indicações) e pansexuais (duas indicações) e a grande maioria de identificados foram de lésbicas (oito indicações), gays (dez indicações) e bissexuais (sete indicações), contando que há um universo de 793 estudantes, segundo informação da direção.

Talvez a problemática de identificação de quem seja os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar encontra eco em outras respostas do questionário, como nas perguntas 11 “O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?”, 12 “Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?” e 15 “Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?”, conforme os quadros abaixo.

Quadro 2 – A escola promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+ (pergunta 11)

RESPOSTAS	QUANTIDADE DE IDENTIFICAÇÕES NA ESCOLA
Não	5
Sim	3
Poucas	1
Não sei	1

Fonte: Apêndice A – Entrevistas no Colégio Estadual Paraná

Quadro 3 – Exemplos ou não de inclusão/acolhimento (pergunta 11,12 e 15)

Informante	Resposta
Estudante 2	“Sim, tem professores que focam nessa pauta.” “Trabalhos e debates sobre a comunidade LGBTQIAP+”
Estudante 3	“Nunca vi isso acontecer por que normalmente estão nem aí”

	“Podia ser promovido o respeito apenas.”
Professor 3	“Poucas” “Atendimento aos pais e estudantes, não faz distinção de orientação sexual. Debates nas aulas de Filosofia e Sociologia.” “O colégio reflete a sociedade em geral que mesmo afirmando não ter preconceito, não incentiva a visibilidade, a organização e o acolhimento.”
Funcionário 1	“Nunca vi atualmente, antes tinha o SOE (Serviço de Orientação Educacional) e conversava.”
Equipe de Direção 1	“Trabalhando a não discriminação, bullying.” “Necessita formação, capacitação e apoio psicológico.”
Equipe de Direção 2	“Sim, mas abrange sala de aula. Pouco amplo para a escola toda, para a comunidade escolar.”
Equipe de Direção 3	“Ter pessoas especializadas para ajudar e esclarecer para os professores, em geral, como proceder nesse momento de adequação desses jovens.”

Fonte: Apêndice A – Entrevistas no Colégio Estadual Paraná

Pelas respostas apontadas é possível verificar que não há um trabalho global no ambiente escolar para esclarecimentos dos estudantes, tampouco para os funcionários em geral da escola, pois toda e qualquer política de inclusão/acolhimento está focado quando aparece algum caso específico e em esporádicas aulas em forma de debate.

Então, como é possível uma inclusão, acolhimento e até compreensão da real ou provável juventude LGBTQIAP+ presente no ambiente escolar e quais as identidades existentes dentro da escola se, inclusive, falta uma capacitação e formação ampla dos professores, funcionários de escola e equipe de direção.

Por outro lado, ainda na sociedade há uma invisibilidade de algumas identidades mesmo percentualmente podendo ser maior que outras identidades e esse reflexo podem ser identificados no ambiente escolar do Colégio Estadual Paraná, o IBGE através de um levantamento inédito realizado em 2019 através de

amostragem identificou que o percentual de adultos no Brasil de assexuais, bissexuais, gays, lésbicas e transgêneros são de 12%.

Destes 12%, a distribuição é de 5,76% são assexuais, 2,12% são bissexuais, 1,37% são gays, 0,93% são lésbicas, 0,68% são trans e 1,18% são pessoas não-binárias (*queers*), ou seja, percentualmente há mais pessoas assexuais do que outras identidades da sigla, no entanto não há essa identificação nos territórios, inclusive no território-escola do Colégio Estadual Paraná, há principalmente uma invisibilização da assexualidade em comparação às outras letras da sigla ALGBT¹⁶ (SPIZZIRRI apud STARIOLO, 2022), já que a visibilidade das mulheres lésbicas, homens gays, homens e mulheres bissexuais e homens e mulheres trans (transexuais, transgêneros e travestis) como é tratada a sigla mais utilizada (LGBT).

Figura 2 – População ALGBT – IBGE 2019



Fonte: Jornal UNESP¹⁷

¹⁶ A equipe que realizou a pesquisa preferiu utilizar a sigla ALGBT (assexuais, lésbicas, gays, bissexuais e trans), mas também pesquisaram sobre pessoas não-binárias (ou queers) e não incluíram na sigla, reforçando a escolha política da sigla LGBTQIAP+ como mais inclusiva, contemplativa e com maior visibilidade de outras identidades existente em outras letras, inclusive intersexos, pansexuais e queers.

¹⁷ Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/10/24/levantamento-quantitativo-pioneiro-na-america-latina-mapeia-comunidade-algbt-no-brasil/>. Acesso em: 16 dez 2022.

Já a Organização das Nações Unidas (ONU) estima que o percentual de pessoas intersexos no mundo está entre 0,05% e 1,7%, apesar de baixa, quase 2% no geral (a título de curiosidade, a ONU também estima que existam menos de 2% de pessoas ruivas), ainda assim é considerável, ou seja, pessoas intersexos existem e podem estar no ambiente escolar do Colégio Estadual Paraná, assim como assexuais que são 5,76% e *queers* (não-binários) que são 1,18%, conforme a pesquisa IBGE 2019.

Logo, como socialmente estão em alta à identificação e protagonismo de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e pansexuais, então elas também são mais facilmente identificadas no ambiente território-escola em detrimento de outras letras da sigla. Inclusive os próprios jovens ainda podem não estar inteirados de suas identidades *queers*, assexuais, intersexos e “mais” ou até das letras mais destacadas (LGBTP) por desconhecimento ou ainda falta de uma autocompreensão de sua personalidade já que estão em fase de amadurecimento.

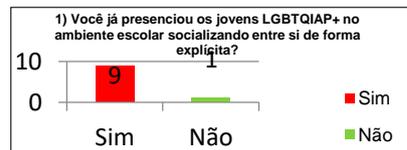
3.1.2 AS SOCIABILIDADES E TERRITORIALIDADES DOS JOVENS LGBTQIAP+ NO COLÉGIO ESTADUAL PARANÁ

Dos dados qualitativos extraídos para compreender o segundo objetivo específico “*descrever como professores, integrantes da coordenação escolar (diretor, vice-diretora, supervisora pedagógica), funcionários de escola e alguns estudantes, veem as sociabilidades e a territorialidades destes jovens*” é possível fazer uma análise a partir das respostas apresentadas nas seguintes perguntas:

- 5) Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?
- 6) Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc.)?
(...)
- 8) Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?
- 9) Quais conflitos mais comuns?

Nas respostas à pergunta “5” houve quase unanimidade em identificar que já presenciaram jovens estudantes LGBTQIAP+ no Colégio Estadual Paraná socializando, dos dez entrevistados, oito identificaram socializações, um apesar de responder não, analisando a sua resposta à pergunta “6” [“*Conversando, capinha (celular) e adesivo*”] é possível entender que a resposta seria sim e apenas um entrevistado não identificou claramente nenhuma socialização, provavelmente pela sua breve inserção na escola [“Pergunta 1) *Quanto tempo trabalha na escola? 6 meses*”].

Gráfico 1 – Existência ou não de socialização de jovens LGBTQIAP+ (pergunta 5)



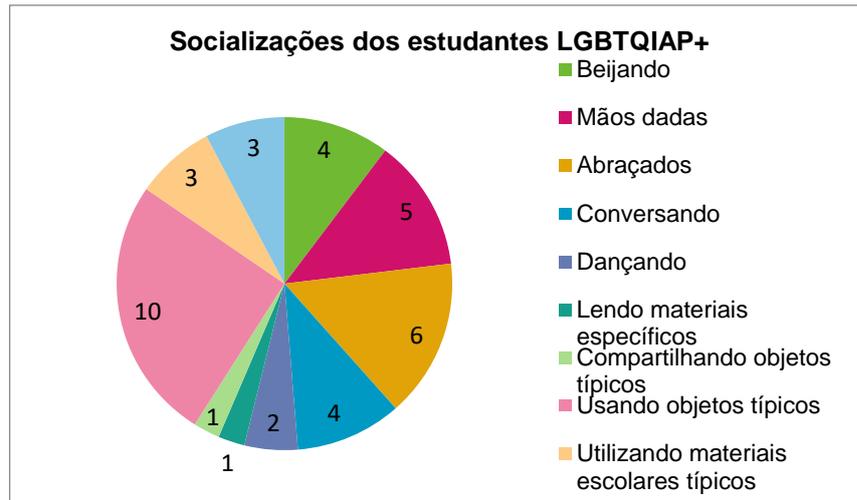
Fonte: Apêndice A – Entrevistas no Colégio Estadual Paraná

Nas respostas à pergunta “6” houve uma variação considerável de indicações de formas de socializações¹⁸ (Apêndice A) por nove informantes com ações e identificações de objetos pessoais, nota-se na compilação em forma de gráfico sobre as ações identificadas pelos entrevistados sobre os jovens LGBTQIAP+ na escola:

Gráfico 2 – Socializações dos estudantes LGBTQIAP+ (pergunta 06)

¹⁸ Respostas sobre as ações e objetos de socializações:

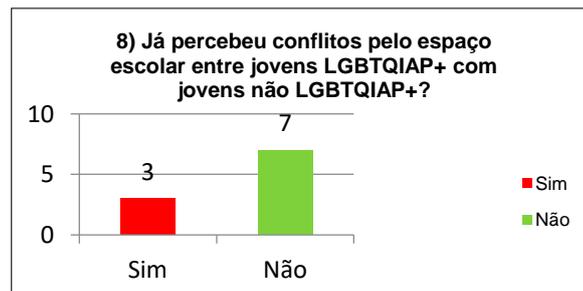
- 1) Conversando, capinha (celular) e adesivo.
- 2) Já vi duas meninas se beijando, bottom, colar.
- 3) de mãos dadas e abraçados, já vi também objetos do tipo ‘botam’, cadernos e capinhas de celular e chaveiros.
- 4) Se beijando, de mãos dadas, abraçados, com materiais sobre LGBTQIAP+ como mochilas, camisetas e materiais escolares.
- 5) Abraçados, cantando, dançando, conversando, uso de acessórios LGBTQIAP+
- 6) Conversando, lendo materiais específicos deste grupo.
- 7) Boné, mochila, beijando, mãos dadas, abraçados, roupas está meio parecido.
- 8) Mãos dadas, abraçados, cantando, conversando, compartilhando objetos pessoais.
- 9) Mãos dadas – beijando – abraços – cantando – dançando...



Fonte: Apêndice A – Entrevistas no Colégio Estadual Paraná

Nas respostas à pergunta “8” a grande maioria (sete) apontou que não identificou conflitos entre jovens estudantes LGBTQIAP+ e os jovens estudantes não LGBTQIAP+, mas uma minoria (três) respondeu que “sim” há conflitos, conforme o gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3 – Conflitos ou não entre jovens LGBTQIAP+ e jovens não LGBTQIAP+ (pergunta 08)



Fonte: Apêndice A – Entrevistas no Colégio Estadual Paraná

Importante destacar que apesar de apenas três respostas indicarem que ocorram conflitos na pergunta “8”, mas analisando as respostas das perguntas “8” e “9” há ponderações sobre os conflitos em cinco respostas, inclusive entre os próprios jovens LGBTQIAP+, relativo a outros tipos de conflitos entre os diferentes

grupos não necessariamente sobre a sexualidade e, ainda, a possibilidade de conflitos entre os grupos, mas não aparentes ao corpo diretivo escolar, vejamos:

Quadro 4 – Tipos de conflitos (pergunta 08 e 09)

Informante	Resposta
Estudante 1	Entre os próprios LGBTs (pergunta 09).
Estudante 3	Ainda escutamos piadinhas ou risos de julgamento (pergunta 8) e Apelidos e piadas de mal gosto (pergunta 9).
Professor 2	Sim, mas fora do contexto da sexualidade (pergunta 8) e Discussões por assuntos das disciplinas ou dentro do grupo de amigos (pergunta 9).
Professor 3	Divergências quanto a visões políticas e religiosas (pergunta 9)
Equipe de Direção 2	Não. Só se tiver entre eles, não aparenta em público (pergunta 9)

Fonte: Apêndice A – Entrevistas no Colégio

Estadual Paraná

Portanto, analisando os dados extraídos é possível identificar que as sociabilidades dos jovens LGBTQIAP+ estão presentes no espaço escolar em diversas formas de ações (beijando, abraçando, dançando, usando objetos típicos, etc.) revelando intimidades como destaca a teoria simmeliana.

E, por consequência, as territorialidades estão latentes neste território-escola, Colégio Estadual Paraná, espaço geográfico pertencente do maior Porto Alegre/RS e do menor bairro Cristal, já que os jovens LGBTQIAP+ estão se fazendo presentes no território, há uma estratégia territorial implícita (SANTOS, GRAVILOFF, FRAGA, 2012), consolidando suas existências e visibilidades na escola, interagindo entre si, expressando comportamentos, vestuários e ornamentos típicos da população LGBTQIAP+ (bonés, adesivos, bótons, roupas, danças, músicas, etc.), uma antropologia urbana segmentada desta população específica, inclusive com alguns conflitos demarcando suas resistências e permanências, exercendo certo grau de controle e poder nestas disputas pelo território-escola.

3.1.3 A IMPORTÂNCIA DAS SOCIALIBILIDADES E TERRITORIALIDADES DOS JOVENS LGBTQIAP+ NA PERSPECTIVA DA ESCOLA

Dos dados qualitativos extraídos para compreender o terceiro objetivo específico “discorrer sobre a importância das sociabilidades e das territorialidades destes jovens, na percepção da escola” há indicativos importantes que extrai da pergunta 07 “Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?”, e pergunta 15 “Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?”, conforme o gráfico 05 abaixo.

Quadro 5 – Perspectiva da Escola sobre os jovens LGBTQIAP+ (pergunta 07 e 15)

Informante	Resposta
Estudante 1	Sim, pois agora as pessoas se sentem confiantes para se assumir.
Estudante 2	Eu percebi que houve uma melhora significativa nos trabalhos. (pergunta 07)
Estudante 3	Hoje em dia é mais “normal” por conta de que a geração mais nova entende que é normal e comum e que não tem isso de homem só com mulher ou vice-versa. (pergunta 07) Acho que isso não precisa acontecer porque os jovens LGBT ou não LGBT já se comunicam bem, só acho que o respeito deve ser uma obrigação para todos. (pergunta 15)
Professor 1	Sim. Acho que os estudantes tem mais liberdade para expor os seus sentimentos. (pergunta 07)
Professor 3	Há mais liberdade e exposição devido à mudança de paradigmas na Educação e na sociedade em geral, diminuiu o tabu, maior visibilidade do movimento LGBTQIAP+. (pergunta 07)
Funcionário 1	Sim, de uns anos para cá. Devido as passeatas, antes mais bullying, não tinham coragem. (pergunta 07)
Equipe de Direção 1	Sim, pela demonstração de afeto mais direcionada a uma única

	pessoa. (pergunta 07)
Equipe de Direção 2	Eles são acolhidos pelos colegas, não há discriminação, não há críticas. (pergunta 07)

As respostas trazem perspectivas da escola sobre os jovens LGBTQIAP+, principalmente comparado de como era há tempos atrás no ambiente escolar, que nos remetem sentimentos como afeto, normalidade, acolhimento, coragem, liberdade, respeito, confiança para se assumirem, ou seja, “saírem do armário” no território-escola e ações dos movimentos sociais LGBTQIAP+, inclusive as passeatas e as paradas, que trouxeram mais visibilidade e liberdade principalmente aos jovens em geral e com ecos dentro do Colégio Estadual Paraná.

Logo, em ênfase, esses sentimentos e ações externos e internos ao ambiente escolar são catalisadores das sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ que estudam na escola, tornando o território-escola como mais um espaço de pertencimento dos estudantes da população LGBTQIAP+ na perspectiva do corpo social do Colégio Estadual Paraná perpassando por processos políticos em decorrência da militância e luta pelo território-escola, sociológicos enquanto grupo social e interação no espaço escolar, antropológico pelas simbologias e características específicas e geográfico considerando a escola como um espaço físico específico e demarcado existente dentro de um espaço físico global (cidade) também demarcado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Colégio Estadual Paraná, dentro das suas peculiaridades entre semelhanças e diferenças comparativamente a outras escolas trazidas na primeira parte do trabalho, numa perspectiva social e política está inserido numa ideia de inclusão no território-escola da diversidade e, em especial, dos jovens pertencentes à população LGBTQIAP+.

A compreensão sobre território, territorialidade e sociabilidade trouxe um balizador sobre os caminhos para coletar os dados no ambiente escolar, como também para a análise dos resultados obtidos para a compreensão de como é a construção das sociabilidades e territorialidades dos jovens em suas identidades LGBTQIAP+ dentro desse ambiente escolar com recorte no Colégio Estadual Paraná.

Partindo das revisões conceituais e teóricas imprescindíveis sobre escola, educação, juventude, gênero, sexo, sexualidade, expressão, população LGBTQIAP+, território, territorialidade e sociabilidade se elaborou as perguntas metodologicamente de forma aberta, qualitativa e semiestruturada, com foco de exploratório, através dos 10 informantes que responderam as entrevistas entre os dias 16 a 22 de novembro de 2022, no Colégio Estadual Paraná, foi possível analisar e problematizar a partir do objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho sobre identificar um recorte sobre os estudantes LGBTQIAP+ no ambiente escolar, descrever suas sociabilidades e territorialidades e discorrer sobre a importância na perspectiva escolar destas sociabilidades e territorialidades no território-escola.

Em específico, foi enriquecedor identificar, através do corpo escolar, possíveis jovens estudantes relacionados com alguma das identidades-letras da sigla da população LGBTQIAP+, mesmo com um recorte limitado de informantes, e problematizar tanto através de questões externas como a invisibilidade ainda atual de algumas identidades na sociedade brasileira (*queers* – não-binários, assexuais, intersexos, mais) ou internas pela ausência de melhores compreensões, capacitações e formações do amplo agentes sociais da escola sobre quem são pessoas de todas as letras da sigla LGBTQIAP+.

Por outro lado, trabalhar os dados de sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ do Colégio Estadual Paraná, a partir das descrições dos agentes escolares entrevistados (professores, funcionária de escola, equipe de

direção, alguns estudantes) nas entrevistas trouxe um princípio de pesquisa a ser mais explorado sobre um universo ampliado na própria escola ou até na educação porto-alegrense para compreender ainda mais como os territórios-escola estão inseridos numa sentimento de pertencimento para que os jovens LGBTQIAP+ se socializem e territorializem nestes espaços intermitentes, não só de assimilação de conteúdos escolares, como também no processo de amadurecimento para a vida adulta.

Ainda, a percepção da escola específica, Colégio Estadual Paraná, sobre a importância das sociabilidades e das territorialidades destes jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar ainda precisa ser mais aprofundada pela própria escola como foi possível verificar em várias respostas nos questionários, já que falta uma melhor compreensão e, reforça-se, precisando de formação, capacitação e compreensão específica e sistemática sobre quem são as identidades-letras da sigla LGBTQIAP+ para uma melhor abordagem, acolhimento, política de inclusão em geral e não por demanda e pontual em cada caso específico.

Assim, vale destacar, como o principal achado deste estudo é que as sociabilidades e territorialidades dos jovens estudantes LGBTQIAP+, pelo recorte alcançado na coleta de dados realizada no Colégio Estadual Paraná, está presente neste ambiente escolar e sem aparente conflito com os jovens cisheteronormativos em comparação a períodos históricos anteriores onde a população LGBTQIAP+ não era acolhida, incluída, respeitada nas escolas em geral e era oprimida, excluída e agredida pelos demais integrantes do corpo escolar, que a escola objeto de pesquisa também é considerada no momento como um território para os jovens LGBTQIAP+ existentes no espaço escolar e não só os territórios específicos e externos (guetos) como em outras épocas eram praticamente os únicos territórios da população LGBTQIAP+, inclusive para os jovens em descoberta de sua identidade compreendendo o problema de pesquisa já que ao observar como no Colégio Estadual Paraná se constroem ou não as sociabilidades e territorialidades dos jovens LGBTQIAP+ elas estavam presentes com gestos, carícias, utilização de vestuários, materiais escolares, entre outras simbologias típicas das sociabilidades e territorialidades da população LGBTQIAP+ enquanto grupos sociais.

Por fim, a problematização e compreensão das temáticas relacionadas da juventude, população LGBTQIAP+, sociabilidades, territorialidades, território-escola e inclusão no ambiente escolar ainda precisam ser mais estudadas e analisadas no

campo da Sociologia da Educação, afinal a educação e a escola não é só um espaço para serem compreendidas as teorias do currículo, debatidos os conteúdos programáticos das Ciências Sociais a serem aplicados em sala de aula, a formação continuada dos professores, entre outros objetos de estudo em que não colocam os jovens e, em específico, os jovens da população LGBTQIAP+ neste ambiente escolar como atores sociais, num processo social de amadurecimento ocorrendo sociabilidades e territorialidades típicas desse período do ser humano.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Cicero. O processo constituinte brasileiro, a transição e o Poder Constituinte. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 2013, n. 88 [Acessado 2 Novembro 2022] , pp. 327-380. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64452013000100011>>. Epub 28 Maio 2013. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452013000100011>.

ASSIS, Rafael Freitas Batista de. **Sociabilidades, apropriações e significados do espaço de um karaokê no Espírito Santo**. 2017. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Vila Velha, 2017. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/administracao-financas/sociabilidades-apropriacoes-significados-espaco-um-karaoke-no.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Quotidiano. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BUNDE, Mateus. Durkheim e o fato social. Todo Estudo. Disponível em: <<https://www.todoestudo.com.br/historia/durkheim-e-o-fato-social>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

CASALI, Jéssica Pereira; GONÇALVES, Josiane Peres. População LGBT em âmbito escolar: preconceitos e discriminações x direito à educação e cidadania. **Itinerarius Reflectiois**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 01–18, 2019. DOI: 10.5216/rir.v15i5.55095. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/rir/article/view/55095>>. Acesso em: 10 dez 2022.

CISCATI, Rafael. **Por que a sigla LGBTQIA+ mudou ao longo dos anos**. 2019. Disponível em: <https://brasildedireitos.org.br/atualidades/por-que-a-sigla-lgbtqia-mudou-ao-longo-dos-anos>. Acesso em: 15 dez. 2022.

EMDIA da visibilidade, pessoas intersexo pedem políticas públicas inclusivas e humanizadas. 2021. Nações Unidas - Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/155499-em-dia-da-visibilidade-pessoas-intersexo-pedem-politicas-publicas-inclusivas-e-humanizadas>. Acesso em: 18 dez. 2022.

FERNANDES, Yuri. **LGBT+: o problema não é ter dúvidas sobre qual sigla usar, é achar que é um alfabeto e debochar**. 2021. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods16/lgbt-o-problema-nao-e-ter-duvidas-sobre-qual-sigla-usar-e-achar-que-e-um-alfabeto-e-debochar/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

FUINI, L. L. Território, territorialização e territorialidade: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 225–249, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141722>>. Acesso em: 5 dez. 2022.

GARCIA, Sâmia de Christo (org.). **LGBTQIAP+**: você sabe o que essa sigla significa?. Você sabe o que essa sigla significa?. 2021. Comitê de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade e a Secretaria de Comunicação Social do TRT-RS.

Disponível em: <<https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/465934>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

KILLERMANN, Sam. **The Genderbread Person version4**. 2018. Disponível em: <<https://www.itspronouncedmetrosexual.com/2018/10/the-genderbread-person-v4/>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

LIMA, Vinícius Moreira; BELO, Fábio Roberto Rodrigues. GÊNERO, SEXUALIDADE E O SEXUAL: O SUJEITO ENTRE BUTLER, FOUCAULT E LAPLANCHE. *Psicologia em Estudo* [online]. 2019, v. 24 [Acessado 15 Dezembro 2022], e41962. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/1807-0329e41962>>. Epub 18 Fev 2019. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.4025/1807-0329e41962>.

MACEDO, Paulo Henrique Vieira de; SOUSA, Ana Cristina Ribeiro de; SILVA, Maria Beatriz Pereira da. CONSIDERAÇÕES DE MICHEL FOUCAULT SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR. **Educação: Desafios, Perspectivas e Possibilidades**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 109-123, 08 dez. 2020. Único. Editora Científica Digital. <http://dx.doi.org/10.37885/201001815>. Disponível em: <<https://www.editoracientifica.com.br/books/livro-educacao-desafios-perspectivas-e-possibilidades>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

SANTOS, Marcos Antonio Gonçalves dos. **O conceito de sociabilidade em Georg Simmel**: contribuições à sociologia da infância. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14732?locale-attribute=pt_BR. Acesso em: 11 fev. 2023.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001

MIRANDA, Denis de. **A construção da identidade do oficial do Exército Brasileiro**. 2012. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21902/21902_3.PDF>. Acesso em: 13 dez. 2022.

MOVIMENTO GLBT decide mudar para LGBT. 2008. Portal G1. Seção Comportamento. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL593295-5598,00-MOVIMENTO+GLBT+DECIDE+MUDAR+PARA+LGBT.html>. Acesso em: 15 dez. 2012.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, no. 78, Abril/2002. Pg. 15 – 36.

NONADA, Jornalismo Travessia. **Quebrando armários: os desafios de estudantes, pais e professores LGBTQIA+**. Projeto Colabora. Disponível em: <<https://projetocolabora.com.br/ods4/quebrando-armarios-os-desafios-de-estudantes-pais-e-professores-lgbtqia/>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

OLIVEIRA, Raquel Correia de. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA JUVENTUDE COMO CATEGORIA SOCIAL: notas sobre o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, Vitória/Es, v. 1, n. 1, p. 1-19, 21 maio 2019. Único. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22701>. Acesso em: 09 fev. 2023.

PORFÍRIO, Francisco. "Instituições sociais"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/instituicoes-sociais.htm>. Acesso em 04 de dezembro de 2022.

SANTOS, Ana Paula de Pádua; GAVRILOFF, Ana Carolina Martins; FRAGA, Nilson Cesar. ENTRE A TEORIA E A REALIDADE: o conceito de território e territorialidade e sua aplicação no planejamento urbano: uma breve análise de aproximação. **Revista Geografar**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 69-84, 23 dez. 2012. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v7i2.26790>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/26790>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SANTOS, Jamille Bernardes da Silveira Oliveira dos; CARDIN, Valéria Silva Galdino. Da situação legal das pessoas intersexo e a possibilidade de reconhecimento do terceiro sexo pelo ordenamento jurídico brasileiro. **Revista da Faculdade de Direito**, Porto Alegre, v. 1, n. 48, p. 96-119, 30 abr. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/0104-6594.112219>. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/revfacdir/article/view/112219>. Acesso em: 15 dez. 2022.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica*, Campina Grande, v. 16, n. 2, p. 01-14, jan./jun. 2015.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e Territorialidades Urbanas: uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 9-37, 28 set. 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/issue/view/203>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SILVA, Roselani Sodré da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. **Caderno Crh**, [S.L.], v. 24, n. 63, p. 663-678, dez. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-49792011000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/QHfYfV7nPqyJZwV7KTSjqBs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 fev. 2023.

SIMONE de Beauvoir. In: PENSADOR: frases de pensadores. Disponível em: <https://www.pensador.com/frases-de-simone-de-beauvoir/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

SOARES, Rhuany Andressa Raphaelli; WEISS, Raquel Andrade. A educa o como socializa o em Émile Durkheim. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 28, n. 1, p. 13-33, 16 set. 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 77-115, 2003.

STARIOLO, Malena (ed.). **Levantamento quantitativo pioneiro na América Latina mapeia comunidade ALGBT no Brasil.** 2022. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2022/10/24/levantamento-quantitativo-pioneiro-na-america-latina-mapeia-comunidade-algbt-no-brasil/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

TRANSIÇÃO de gênero. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Transi%C3%A7%C3%A3o_de_g%C3%AAnero#Refer%C3%AAncias>. Acesso em: 15 dez. 2022.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Gênero não é ideologia: explicando os Estudos de Gênero. (Artigo) In: **Café História – história feita com cliques.** Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/explicando-estudos-de-genero/>>. Publicado em: 27 nov. 2017. Acesso em: 15 dez. 2022.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS NO COLÉGIO ESTADUAL PARANÁ

NOME: Estudante 1

- 1) **Quanto tempo estuda na escola?** Estuda a 3 meses
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde()
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** 15 a 20
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Gays
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Não
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** Conversando, capinha (celular) e adesivo.
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** Sim, pois agora as pessoas se sentem confiantes para se assumir.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Não, pois hoje em dia não tem muito esses conflitos.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Entre os próprios LGBTs.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Sim acredito.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Não
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Não tem
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Não.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo.** Sim, alguns pais não aceita e proíbe seus filhos de sair.
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?** Demonstrar apoio.

Porto Alegre, 16/11/2022

NOME: Estudante 2

- 1) **Quanto tempo estuda na escola?** Estuda a 3 anos
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde()
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** Os alunos da minha turma tem entre 17 a 20 no intervalo de 2 a 3 anos.
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Tem bastante alunos da escola que são LGBTQIAP+. A maioria é gay, lésbica e bi.
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Já vi sim.
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** Já vi duas meninas se beijando, bottom, colar.
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** Eu percebi que houve uma melhora significativa nos trabalhos.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Eu nunca notei isso.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Como disse acima, eu nunca notei esses tipos de conflitos.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Depende, aqui na nossa escola é meio termo.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Sim, tem professores que focam nessa pauta.
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Trabalhos e debates sobre a comunidade LGBTQIAP+
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Eu nunca vi isso, até porque não temos tanta liberdade assim.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo.** Sim, tem muitas famílias que não aceitam seus filhos (a). Tenho uma amiga que sofre com isso.
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?** Isso desperta debates e faz com que haja respeito entre nós.

Porto Alegre, 16/11/2022

NOME: Estudante 3

- 1) **Quanto tempo estuda na escola?** 4 anos
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde()
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** De 16 a 18 anos.
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Lésbicas, gays, bissexuais.
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Sim, atualmente é bem comum.
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** de mãos dadas e abraçados, já vi também objetos do tipo 'botam', cadernos e capinhas de celular e chaveiros.
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** Hoje em dia é mais "normal" por conta de que a geração mais nova entende que é normal e comum e que não tem isso de homem só com mulher ou vice-versa.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Ainda escutamos piadinhas ou risos de julgamento.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Apelidos e piadas de mal gosto.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Acredito que se for comparara com o tempo anterior é sim.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Nunca vi isso acontecer por que normalmente estão nem aí
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Podia ser promovido o respeito apenas.
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Não.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo.** Sim muitos jovens expulsos de casa por sua orientação sexual.
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?** Acho que isso não precisa acontecer porque os jovens LGBT ou não LGBT já se comunicam bem, só acho que o respeito deve ser uma obrigação para todos.

Porto Alegre, 16/11/2022

NOME: Professor 1

- 1) **Quanto tempo trabalha na escola?** 14 anos
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde (X)
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** Ensino fundamental 1 (1º ao 5º ano) 6 aos 11 anos. Ensino médio (2º e 3º anos) 15 aos 25 anos.
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Identifico mais os alunos de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e pansexuais.
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Sim.
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** Se beijando, de mãos dadas, abraçados, com materiais sobre LGBTQIAP+ como mochilas, camisetas e materiais escolares.
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** Sim. Acho que os estudantes tem mais liberdade para expor os seus sentimentos.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Não.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Não.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Não. Porque falta diálogo para esclarecer nossas dúvidas.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Não.
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Não.
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Sim. Eles procuram o apoio que não tem em casa.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo.** Sim.
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir? -**

Porto Alegre, 16/11/2022

NOME: Professor 2

- 1) **Quanto tempo trabalha na escola?** 1 ano
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde (X)
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** 14 à 25
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Lésbicas, gays, bissexuais.
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Sim.
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** Abraçados, cantando, dançando, conversando, uso de acessórios LGBTQIAP+
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** Não notei, pelo período reduzido.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Sim, mas fora do contexto da sexualidade.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Discussões por assuntos das disciplinas ou dentro do grupo de amigos.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Não mais do que demais espaços.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Não.
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Não.
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Não. A gestão destes conflitos não envolve a sexualidade, e no E.M. vários alunos tem sua identidade mais solidificada.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo.** Talvez – tenho 1 caso que talvez englobe outros fatores.
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?** A sexualidade não se destaca nos casos de conflitos entre os alunos no E.M., ao menos, não presenciei estes casos.

Porto Alegre, 16/11/2022

NOME: Professor 3

- 1) **Quanto tempo trabalha na escola?** 10 anos
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde()
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** 14 aos 18 anos.
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Lésbicas, gays, bissexuais.
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Sim.
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** Conversando, lendo materiais específicos deste grupo.
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** Há mais liberdade e exposição devido à mudança de paradigmas na Educação e na sociedade em geral, diminuiu o tabu, maior visibilidade do movimento LGBTQIAP+.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Sim.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Divergências quanto a visões políticas e religiosas.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Parcialmente, tende a não haver discriminação e em respeitar algumas expressões inclusive o uso de nomes sociais quando autorizado pelos pais, porém, pouca visibilidade e militância.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Poucas.
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Atendimento aos pais e estudantes, não faz distinção de orientação sexual. Debates nas aulas de Filosofia e Sociologia.
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Talvez em situações particulares com a direção.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo.** Não sei informar.
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?** O colégio reflete a sociedade em geral que mesmo afirmando não ter preconceito, não incentiva a visibilidade, a organização e o acolhimento.

Porto Alegre, 22/11/2022

NOME: Funcionário 1

- 1) **Quanto tempo trabalha na escola?** 20 anos
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde (X)
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** De 6 anos até 25 anos.
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Gays e lésbicas.
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Sim.
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** Boné, mochila, beijando, mãos dadas, abraçados, roupas está meio parecido.
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** Sim, de uns anos para cá. Devido as passeatas, antes mais bullying, não tinham coragem.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Até que não.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Não.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Nos dias de hoje, antigamente havia mais preconceito.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Nunca vi atualmente, antes tinha o SOE (Serviço de Orientação Educacional) e conversava.
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Não.
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Alguns sim. Um aluno procurou ajuda, queria conversar, depois descobri que ele tinha fugido de casa, pois os pais adotivos não respeitavam.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo.** Não tem vindo reclamar, mas teve o exemplo anterior.
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?** -.

Porto Alegre, 22/11/2022

NOME: Equipe de Direção 1

- 1) **Quanto tempo trabalha na escola?** 7 anos
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde (X)
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** 6 a 20 anos.
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, pansexuais.
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Sim.
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** Mãos dadas, abraçados, cantando, conversando, compartilhando objetos pessoais.
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** Sim, pela demonstração de afeto mais direcionada a uma única pessoa.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Não.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Não.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Sim, porque a escola trabalha o tema em sala de aula.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Sim.
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Trabalhando a não discriminação, bullying.
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Sim.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo.** Não. Houve um relato de uma aluna que o pai não aceita.
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?** Necessita formação, capacitação e apoio psicológico.

Porto Alegre, 22/11/2022

NOME: Equipe de Direção 2.

- 1) **Quanto tempo trabalha na escola?** 8 anos
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde (X)
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** Entre 6 anos a 25 anos.
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Lésbicas – gays – bissexuais.
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Sim.
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** Mãos dadas – beijando – abraços – cantando – dançando...
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** Eles são acolhidos pelos colegas, não há discriminação, não há críticas.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Não. Só se tiver entre eles, não aparenta em público.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Não.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Sim.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Sim, mas abrange sala de aula. Pouco amplo para a escola toda, para a comunidade escolar.
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Debates e palestras.
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Sim.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo.** Os pais ou responsáveis que chegam até mim aceitam, não tem problemas. Colegas relatam que até eles há pais que não aceitam.
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir? -**

Porto Alegre, 22/11/2022

NOME: Equipe de Direção 3.

- 1) **Quanto tempo trabalha na escola?** 6 meses
- 2) **Quais os turnos?** Manhã (X) e/ou Tarde (X)
- 3) **Qual o intervalo de idade dos estudantes que tens contato no ambiente escolar?** Entre 6 anos a 25 anos.
- 4) **Quais da sigla LGBTQIAP+, (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais ou mais), você identifica no ambiente escolar?** Transgêneros, gays.
- 5) **Você já presenciou os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar socializando entre si de forma explícita?** Não.
- 6) **Que tipo de socialização presenciou entre os jovens LGBTQIAP+ (de mãos dadas, se beijando, abraçados, dançando, cantando, conversando, compartilhando vestuário e objetos pessoais, lendo materiais específicos deste grupo, etc)?** Não.
- 7) **Desde o início dos seus trabalhos na escola você notou que há mais liberdade e exposição nas socializações dos estudantes LGBTQIAP+? Por quais os motivos que você entende que isso acontece?** É o mesmo processo que implementa no sistema.
- 8) **Já percebeu conflitos pelo espaço escolar entre jovens LGBTQIAP+ com jovens não LGBTQIAP+?** Não.
- 9) **Quais conflitos mais comuns?** Não.
- 10) **Você acredita que o ambiente escolar atualmente é um espaço inclusivo, acolhedor, compreensivo com jovens LGBTQIAP+?** Sim.
- 11) **O Colégio Estadual Paraná promove políticas de inclusão/acolhimento com jovens LGBTQIAP+?** Não sei.
- 12) **Poderia citar exemplos de inclusão/acolhimento?** Não sei.
- 13) **Os jovens LGBTQIAP+ no ambiente escolar têm buscado professores, funcionários e direção escolar para reconhecimento e respeito de suas existências no território escolar?** Não.
- 14) **Há problemas com pais que não aceitam seus filhos enquanto jovens LGBTQIAP+? Por exemplo. São orientados a procura ajuda de especialistas nessa fase inicial.**
- 15) **Que outras considerações sobre a socialização e presença dos jovens LGBTQIAP+ no território escolar do Colégio Estadual Paraná teria para contribuir?** Ter pessoas especializadas para ajudar e esclarecer para os professores, em geral, como proceder nesse momento de adequação desses jovens.

Porto Alegre, 22/11/2022